



FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

MONOGRAFIA

DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS DA 6ª CLASSE DO ENSINO PRIMÁRIO DA ESCOLA PRIMÁRIA COMPLETA DE MAHAU NO DISTRITO DE MATUTUINE NA PROVINCIA DE MAPUTO (2022-2023).

José Boaventura Cau

Maputo, Maio de 2025

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

Dificuldades de Leitura e Escrita dos alunos da 6^a classe do ensino primário da Escola Primária Completa de Mahau

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane, em cumprimento dos requisitos parciais para a obtenção do grau de licenciatura em Organização e Gestão da Educação.

Supervisor: Mestre Alfredo Salomão Gomes

Dificuldades de Leitura e Escrita dos alunos da 6^a classe do ensino primário da Escola Primária Completa de Mahau (2020-2021)

Comité de Júri

O Presidente

O Supervisor

O Oponente

DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE

Declaro por minha honra, que esta monografia é resultado da minha investigação, e nunca foi apresentada para obtenção de qualquer grau em nenhuma instituição de ensino. Todas as fontes usadas estão devidamente referenciadas.

O candidato

(José Boaventura Cau)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida, protecção e saúde que tem me concedido.

Seguidamente agradeço aos meus progenitores que me educaram e amostraram o caminho da verdade, para atingir objectivos na vida. Meus agradecimentos são extensivos aos meus docentes que me ajudaram durante o percurso académico, em especial ao meu supervisor o Mestre Alfredo Salomão Gomes, pela paciência, dedicação e tempo despendido durante a elaboração deste trabalho.

À minha esposa Teresa Manuel Mucare Cau e meus filhos, meus pais, irmãos e demais familiares, pelo apoio incondicional e crença em mim para que esta formação fosse possível.

Aos meus colegas do curso de OGED, com os quais fizemos esta caminhada, em especial à colega Delfina Mandjate e Euclídio Marcelo Nhachumbe pelo apoio.

Finalmente agradeço a todos que maneira directa ou indirecta deram-me apoio e confiança necessária para caminhar forte e destemido.

Índice

DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE	iv
AGRADECIMENTOS	v
LISTA DE ABREVIATURAS	ix
LISTA DE TABELAS	x
LISTA DE GRÁFICOS	xi
CAPÍTULO I	1
INTRODUÇÃO	1
1.1 Delimitação do Tema	2
1.2 Problema de Pesquisa	2
1.3 Objectivo da Pesquisa	4
1.3.1 Objectivo Geral	4
1.3.2 Objectivos Específicos	4
1.4 Perguntas de Pesquisa	4
1.5 Justificativa	5
CAPÍTULO II	6
REVISÃO DA LITERATURA	6
2.1 Definição de conceitos-chave	6
2.1.1 Leitura	6
2.1.2 Escrita	6
2.1.3 Dificuldade de Aprendizagem	7
2.2 Métodos de ensino da leitura e escrita	8
2.3 Método Global ou Analítico	9
2.4 Métodos Sintéticos ou Fonéticos	10
2.5 Método Analítico-Sintético	11
2.6 Modelos de Processamento da Leitura	11
2.6.1 Modelos de Processamento da Escrita	13

2.7 Estratégias de ensino da leitura e escrita	14
2.8 Causas das dificuldades de leitura e escrita.....	17
2.9 Papel do professor diante das dificuldades do aluno na aprendizagem.....	19
CAPÍTULO III.....	22
METODOLOGIA.....	22
3.1 Descrição do local de estudo.....	22
3.3 Natureza da pesquisa	22
3.4 Delimitação do universo da pesquisa.....	23
3.5 Técnicas e instrumentos de colecta de dados	24
3.6 Questões éticas	25
CONCLUSÃO	42
SUGESTÕES.....	43
Referência Bibliográfica	44
Apêndices	48
Anexos	51

Resumo

O presente estudo pretendia compreender as causas das dificuldades de leitura e escrita nos alunos da 6ª classe da Escola Primária Completa de Mahau. Metodologicamente, a pesquisa seguiu os paradigmas qualitativo e quantitativo e recorreu a entrevista semi-estruturada e ao questionário para a colecta de dados. Os dados da pesquisa revelaram que a participação dos pais e/ou encarregados de educação na vida escolar dos alunos é deficitária, o que estará a contribuir no fracasso do desempenho dos alunos na componente de leitura e escrita. Ainda segundo os dados, notou-se que os professores da escola usam diferentes estratégias metodológicas de ensino da leitura e escrita como o método sintético ou fónico, o método analítico sintético, o método de elaboração conjunta, o método expositivo e o método trabalho independente. Os professores da Escola Primária Completa de Mahau, em particular os da 6ª classe, possuem formação psicopedagógica não obstante serem professores não especializados em matéria de metodologias de ensino da disciplina de Língua Portuguesa. A língua de ensino que é usada na EPC de Mahau, na leccionação de aulas é em si um obstáculo, pois a maioria dos alunos da 6ª classe não conseguem aprender e assimilar os conteúdos na língua portuguesa por não ter domínio, devido ao pouco contacto que estes tem com a língua na maior parte do tempo quer na família, quer na comunidade.

Palavras-chave: leitura, escrita, dificuldades de aprendizagem.

LISTA DE ABREVIATURAS

EPC	Escola Primária Completa de Mahau
INDE	Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação
MINEDH	Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Caracterização da amostra dos professores	24
Tabela 2 - Caracterização da amostra dos alunos	24

LISTA DE GRÁFICOS

Figura 1: Alunos que gostam e os que não gostam de ler.....	37
Figura 2: Alunos com dificuldades e sem dificuldades na leitura e escrita.....	37
Figura 3: Disciplinas que os alunos mais gostam.	38
Figura 4: Atividades que os alunos mais gostam na disciplina de Português.	39
Figura 5: Ajuda dos pais/encarregados de educação aos alunos.....	40
Figura 6: Língua mais usada fora da escola.....	41

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A educação formal oferecida pelas instituições de ensino em Moçambique, é parte de um conjunto de acções que combinadas com outras formas de aquisição do conhecimento, contribuem para a formação integral do homem, capaz de responder ao progresso do mundo cada vez mais moderno e exigente. Assim, para a integração total do indivíduo na sociedade, este precisa comunicar-se com os que estão a sua volta e assim desenvolver-se por forma a gozar dos seus direitos e participar de forma activa como um cidadão consciente e interactivo.

A educação dada nas escolas é orientada pelos currículos e programas de ensino desenhados de forma que os alunos possam alcançar os objectivos definidos em cada classe, ciclo de aprendizagem ou nível de ensino.

O alcance dos objectivos de ensino é operacionalizado pelo processo de ensino aprendizagem, resultado da interação de quatro elementos básicos que são o aluno, o professor, o conteúdo e o método de ensino. A falha no desempenho e eficácia de um destes elementos resulta no obstáculo ou dificuldade no cumprimento da finalidade do processo.

Feita a análise e verificando-se um fracasso no alcance de um dos objectivos estratégicos definidos no Plano de Desenvolvimento da Escola Primária Completa de Mahau nos últimos 4 anos, que se refere à problemática da dificuldade de leitura e escrita nos alunos da escola, e dos que terminam o 2º ciclo, decidiu o autor deste trabalho avançar para o estudo de caso da escola. Assim, neste trabalho de pesquisa são investigadas as causas que estão por detrás da dificuldade de leitura e escrita dos alunos da 6ª classe do ensino primário da escola em estudo.

O presente trabalho de investigação tem como objectivo, discutir a realidade educativa na escola no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem junto dos alunos, na componente de leitura e escrita da Língua Portuguesa e assim compreender as causas que dificultam a aquisição das habilidades de leitura e escrita no meio escolar.

A investigação tem como população alvo os alunos da 6ª classe.

A presente monografia é composta pelos seguintes capítulos: Do primeiro capítulo consta a introdução, delimitação do tema, problema de pesquisa, os objectivos, as perguntas de pesquisa, as hipóteses e por fim a justificativa.

O segundo capítulo trata da revisão da literatura, na qual se definem os conceitos-chave. Neste capítulo constam ainda os seguintes tópicos: Métodos de ensino da leitura e escrita; Modelos de processamento da leitura; Modelos de processamento da escrita; Estratégias de ensino da leitura e escrita; causas das dificuldades de leitura e escrita e o papel do professor diante das dificuldades de leitura e escrita dos alunos. Ainda neste capítulo, são analisadas e discutidas algumas perspectivas de autores que investigaram o tema em estudos anteriores.

O terceiro capítulo é o da metodologia, nele aborda-se a descrição do local do estudo, o tipo e a natureza da pesquisa, definição da população, técnicas e instrumentos de recolha de dados e, por último, as questões éticas.

No quarto capítulo faz-se a apresentação, análise e interpretação dos dados e a descrição da instituição onde decorreu a pesquisa.

O quinto e último capítulo trata da conclusão, recomendações e as referências bibliográficas. Para além destes elementos o trabalho contém os anexos e apêndices.

1.1 Delimitação do Tema

O presente trabalho é elaborado com o objectivo de compreender as causas das dificuldades de leitura e escrita da Língua Portuguesa nos alunos da 6^a classe, na Escola Primária Completa de Mahau.

Com recurso a técnicas como a entrevista e o questionário, a pesquisa foi direccionada para responder ao problema relacionado ao seguinte tema: *Dificuldades da Leitura e Escrita dos alunos da 6^a classe, do Ensino Primário da Escola Primária Completa de Mahau (2022-2023)*

1.2 Problema de Pesquisa

Com o presente trabalho pretende-se investigar as causas das dificuldades de leitura e escrita nos alunos da 6^a classe na Escola Primária Completa de Mahau, no Distrito de Matutuíne, Província do Maputo.

A escolha deste tema foi motivada pela necessidade de compreender as barreiras que dificultam a aquisição das habilidades de leitura e escrita da Língua Portuguesa nos alunos, como língua de ensino uma vez que a instituição lecciona na modalidade de ensino monolíngue.

Sendo a Língua Portuguesa o idioma usado na interação entre o professor e o aluno na mediação dos conteúdos na sala de aula, mostra-se indispensável que os alunos dominem a língua de

modo a participarem de forma activa na aula de modo a serem capazes de exteriorizar as suas ideias, sentimentos, experiências e expressar-se sobre aquilo que percecionam no decorrer do processo de aprendizagem.

Os relatórios de monitoria e supervisão elaborados em 2015, relativos ao período 2000 - 2014 pelo Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação, referem-se a dificuldades extremas da leitura e escrita da Língua Portuguesa dos alunos nos três ciclos de aprendizagem do ensino primário em Moçambique. (MINED, 2015).

Um dos grandes problemas que se colocam aos alunos, durante o seu percurso académico, é a transferência de dificuldades para outra classe ou ciclo de aprendizagem, originando desse modo, obstáculos na aquisição de novos conhecimentos, competências ou habilidades.

Assim, devido ao impacto negativo que o fraco domínio da leitura e escrita pode ter nos níveis de ensino subsequentes, acreditamos ser necessário pesquisar este problema ao nível da Escola Primária Completa de Mahau, por forma a compreender junto dos professores e alunos, as causas das dificuldades encaradas no ensino da leitura e escrita da Língua Portuguesa.

Perante esta realidade, levanta-se a seguinte pergunta de pesquisa: *Quais são as causas das dificuldades da leitura e escrita da Língua Portuguesa dos alunos da 6ª classe, na Escola Primária Completa de Mahau?*

1.3 Objectivo da Pesquisa

Diante do problema acima exposto, formulam-se os seguintes Objectivos:

1.3.1 Objectivo Geral

- Compreender as causas das dificuldades de leitura e escrita da Língua Portuguesa nos alunos da 6ª classe, da Escola Primária Completa de Mahau.

1.3.2 Objectivos Específicos

- Identificar as causas das dificuldades de leitura e escrita da Língua Portuguesa nos alunos da 6ª classe;
- Verificar as estratégias metodológicas usadas pelos professores da Escola no ensino da leitura e escrita da Língua Portuguesa;
- Avaliar a eficácia das estratégias metodológicas usadas pelos professores no ensino da leitura e escrita da Língua Portuguesa na Escola;

1.4 Perguntas de Pesquisa

Com vista a obter as respostas do problema acima identificado, o estudo procurou responder às seguintes perguntas:

- Quais são as causas que dificultam o domínio da leitura e escrita da Língua Portuguesa nos alunos da 6ª classe, na Escola Primária Completa de Mahau?
- Que estratégias metodológicas são usadas pelos professores no ensino da leitura e escrita da Língua Portuguesa na Escola Primária Completa de Mahau?
- Os professores usam estratégias metodológicas eficazes no ensino da leitura e escrita na escola?
- Poderá ser o uso excessivo das línguas locais, uma das causas da dificuldade de aquisição das habilidades de leitura e escrita da Língua Portuguesa na Escola Primária Completa de Mahau?

1.5 Justificativa

A pesquisa do problema sobre as dificuldades de leitura e escrita dos alunos da 6ª classe na Escola Primária Completa de Mahau, por parte do autor do presente trabalho, é motivada pela constatação de que a maioria dos alunos que concluíram o 3º ciclo do ensino primário entre os anos 2020-2021, apresentavam dificuldades na componente do domínio da leitura e escrita da Língua Portuguesa.

Sendo o autor deste trabalho professor desde o ano de 2008 e, por isso, ter acompanhado a problemática acima referida, viu a necessidade de investigar as causas por detrás das dificuldades de leitura e escrita da Língua Portuguesa dos alunos da 6ª classe.

A abordagem do tema é necessária e pertinente, uma vez que, para o decurso normal do processo de ensino aprendizagem, o domínio da língua de ensino mostra-se indispensável para poder processar-se e assimilar-se outros conhecimentos nas diferentes áreas que compõem o currículo escolar.

Assim, o presente trabalho trata do tema sobre a leitura e escrita numa escola concreta e, como pertinência, os resultados deste estudo irão contribuir para reduzir o fenómeno como um contributo valioso.

CAPÍTULO II

REVISÃO DA LITERATURA

No presente capítulo serão definidos os conceitos-chave deste trabalho de investigação que são: a leitura, escrita e dificuldades de aprendizagem, assim como serão apresentados os tópicos: Métodos de ensino da leitura e escrita; Modelos de processamento da leitura; Modelos de processamento da escrita; Estratégias de ensino da leitura e escrita; Causas das dificuldades de leitura e escrita e o papel do professor diante das dificuldades de leitura e escrita dos alunos.

Ainda neste capítulo, será feita a fundamentação teórica na perspectiva dos autores que pesquisaram sobre tema, tendo em conta a visão da prática educativa sobre a leitura e escrita, e ao mesmo tempo confrontamos as teorias dos autores.

2.1 Definição de conceitos-chave

Neste subcapítulo apresentamos os conceitos-chave do nosso trabalho, que acreditamos serem fundamentais e cruciais para o entendimento do trabalho que nos propusemos investigar. Assim sendo, definiremos os seguintes conceitos: leitura, escrita e dificuldades de aprendizagem.

2.1.1 Leitura

No presente trabalho, vamos abordar o conceito leitura, na perspectiva de Solé (1998); Soares (1998) e Cagliari (1999).

Segundo Solé, (1998, p.23), a leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita, através de descodificação da mensagem.

Segundo Soares (1998), a leitura é um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, que se estendem desde a habilidade de descodificar palavras escritas até à capacidade de compreender textos escritos.

Cagliari (1999, p.155), conceitua a leitura como toda a manifestação linguística que uma pessoa realiza para recuperar um pensamento formulado por outra, e colocada em forma escrita. Cagliari acrescenta dizendo que a leitura é um processo cognitivo de construção de sentidos.

2.1.2 Escrita

De entre muitas definições sobre o conceito de escrita, neste trabalho adoptamos as perspectivas de Barbeiro (1999); Santana (2007); Carvalho (2003) e Fontana (1997).

Conforme Carvalho (2003), a escrita como objecto de ensino e aprendizagem pode se compreendida como um espaço privilegiado e recontextualização pela didáctica da língua materna, do conhecimento produzido no contexto das disciplinas que têm a linguagem em geral, e a escrita em particular, como objecto de referência. Ainda segundo o autor, a escrita é um instrumento eficiente para a expressão e fixação da cultura e dos conhecimentos científicos e técnicos da sociedade.

Segundo Barbeiro (1999), a escrita é um instrumento que fomenta a capacidade de pensar desde o começo da aprendizagem, e por isso, se justifica a sua presença nuclear como conteúdo escolar.

Para Fontana (1997), a escrita é uma forma de linguagem e prática social de uma sociedade letrada.

De acordo com Santana (2007), a escrita é um elemento de comunicação muito importante para o processo de aprendizagem, pois ela exerce um papel eficaz na vida em sociedade representando assim um factor de relevância para a sociedade.

2.1.3 Dificuldade de Aprendizagem

Conforme Garcia (1998, p.31-32), dificuldade de aprendizagem refere-se a aparente discrepância entre a capacidade da criança em aprender e o seu nível de realização. Ainda segundo o autor acima citado, a dificuldade de aprendizagem pode ser entendida como um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Esses transtornos são intrínsecos ao indivíduo e presume-se que devido à disfunção do sistema nervoso central, e podem ocorrer ao longo do ciclo vital.

Ainda segundo Garcia (1998), as dificuldades de aprendizagem podem existir junto com problemas nas condutas de auto regulação, percepção social e interação social, mas não constituem por si próprias, uma dificuldade de aprendizagem, ainda que as dificuldades de aprendizagem possam ocorrer concomitantemente com outras condições incapacitantes (por exemplo, deficiência sensorial, retardamento mental, transtornos emocionais graves) ou com insuficiências extrínsecas (tais como as diferenças culturais, instrução inapropriada ou insuficiência), não são resultados dessas condições ou influências.

Para Weiss (1997, p.16), a dificuldade de aprendizagem é uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola. Essa insuficiência pode estar ligada à ausência da estrutura cognoscitiva, que permite a organização dos estímulos e favorece a aquisição dos conhecimentos. Ainda para Weiss, a dificuldade de aprender pode, entretanto, estar relacionado a determinantes sociais, da escola e do próprio aluno, ou seja, ligada a factores internos (cognitivos e emocionais) e a factores externos (culturais, sociais e políticos).

2.2 Métodos de ensino da leitura e escrita

De acordo Galliano (1979, p.6), método é um conjunto de etapas, ordenadamente dispostas, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar determinado fim.

Conforme Sim-Sim, Duarte & Ferraz (1997), Sim-Sim (1998) e Vilas-Boas (2002), recorrer a um método durante o ensino formal e directo da leitura e escrita é essencial para estruturar e sistematizar o processo de aquisição destas competências. Assim, abordar diferentes métodos de ensino da leitura escrita implica não só debruçarmo-nos sobre os métodos propriamente ditos (procedimentos, estratégias, materiais, etc.), mas também sobre o papel do professor neste processo de iniciação à leitura e escrita.

A utilização de um método e a escolha deste, feita pelo professor, irá auxiliar na organização e orientação da prática pedagógica a desenvolver no processo de ensino-aprendizagem. A utilização dos diferentes métodos pedagógicos a serem aplicados irá favorecer a aprendizagem, de forma a estimular o aluno a adquirir as aprendizagens planeadas para o grau e ensino frequentado. No entanto, o docente não se deve deixar deslumbrar pelo progresso pedagógico, deve ter sempre em atenção que não existe nenhum método que seja totalmente eficaz com todos os seus alunos e que todos os métodos podem ajudar na aprendizagem. (Dias 2013, p. 22)

Para o ensino da leitura e escrita, existem diversos métodos que se podem utilizar. Cada método é distinto, pois trabalha aquilo que acha mais correcto.

Segundo Galliano (1979), os métodos mais utilizados nos sistemas de ensino dos países de língua portuguesa são os Métodos Globais ou Analíticos, os Métodos Sintéticos ou Fónicos e os Métodos Mistos ou Analítico-Sintéticos.

Para a nossa abordagem nos guiamos pelos métodos globais ou analíticos, métodos sintéticos ou fónicos e o método analítico-sintético, pelo facto de serem estes os que são de facto usados na nossa realidade.

2.3 Método Global ou Analítico

O Método Analítico ou Global é assim chamado, pois é um método que parte da palavra, frase ou conto, sendo estes considerados como unidades, que será dividida em elementos básicos. O método global utiliza uma pedagogia activa, ou seja, a criança é o principal agente da sua aprendizagem (Amaro, 2010).

Ainda segundo Amaro (2010), este método pode ser dividido em palavrção, sentencição ou global. Na palavrção, como próprio nome diz, parte-se da palavra, o primeiro contacto é com vocábulos, numa sequência que engloba todos os sons da língua, e, depois da aquisição de certo número de palavras, inicia-se a formação das frases.

Na sentencição, a unidade inicial da aprendizagem é a frase, que é depois dividida em palavras, de onde são extraídos os elementos mais simples: as sílabas. Já no global, o método é composto por várias unidades que têm começo, meio e fim, sendo ligadas por frases com sentido para formar um enredo de interesse da criança.

Conforme Rafael (2009), em relação aos métodos globais ou analíticos, considera que se atribui o nome de global pelo facto de partirem do todo; analítico pois a criança vai com ajuda do docente analisando as palavras, de forma a perceber mais tarde como é que estas se formam, partindo da palavra, chegando primeiro às sílabas e posteriormente às letras. O anterior, segundo o método analítico, é o reconhecimento global de palavras ou frases; a análise dos componentes é uma tarefa posterior.

Ainda segundo Rafael (2009), no método global não importa a dificuldade auditiva daquilo que se aprende, já que a leitura é uma tarefa predominantemente visual. Propõe-se ainda a necessidade de começar com unidades significativas para a criança. Os métodos globais atribuem maior ênfase à compreensão. A leitura é considerada um processo de identificação global de frases e palavras, em que se utilizam antecipações baseadas em predições léxico-semânticas e sintáticas e verificação das hipóteses produzidas.

Conforme Marcelino (2008), o Método Analítico ou Global é o processo que consiste em partir de um todo conhecido (uma frase, um texto ou uma história), em que através de análises sucessivas se torna possível a descoberta dos elementos mais simples.

2.4 Métodos Sintéticos ou Fonéticos

Para Amaro (2010), o método Sintético ou fônico é o método mais antigo. Ainda segundo o autor, tem vindo a ser utilizado desde a antiguidade clássica e consiste no ensino partindo da letra (abstrato), passando para as sílabas, palavras isoladas, seguindo para a frase (concreto), e terminando nos textos. Este é seguido por um processo de decifração no qual os alunos, após o reconhecimento das correspondências grafema/fonema, são capazes de fazer o encadeamento das letras para formas sílabas, das sílabas para formar palavras e dessas palavras formar frases.

Ainda segundo Amaro (2010), o método sintético pode ser dividido em três tipos, a saber:

- O Alfabético – o aluno conhece e aprende as letras, depois forma as sílabas juntando as consoantes com as vogais, para, depois formar as palavras que constroem o texto;
- O Fônico ou Fonético – o aluno parte do som das letras, unindo o som da consoante com o som da vogal, pronunciando a sílaba formada;
- O Silábico – o aluno aprende primeiro as sílabas para formar palavras. É neste método que são utilizados as cartilhas para orientar os alunos e professor durante a aprendizagem, apresentando um fonema e seu grafema correspondente, evitando confusões auditivas e visuais.

Sobre o método acima descrito, Visvanathan (2010), diz que a aplicação deste método não apresenta grandes dificuldades, pois é simples e segue uma estrutura lógica, isto porque a leitura das sílabas nas palavras são lidas como elementos simples e não compostas. No entanto, na aplicação deste método, é exigido aos alunos um esforço de memorização. Devido a este esforço, por vezes nota-se uma perda de interesse por parte dos alunos, pois é bastante repetitivo e não dá oportunidade de criação à criança.

2.5 Método Analítico-Sintético

Conforme Gonçalves (1967, pp. 129-130), o método analítico-sintético é o método tão utilizado na actualidade, pois está presente na maioria dos manuais escolares destinados ao 1.º ano do 1.º ciclo do Ensino Básico. Este método pode ser aplicado de duas formas: partindo de palavras ou frases, passando para a análise dos elementos que compõe as estruturas linguísticas complexas, ou seja, rege-se pelo processo analítico ou global, vindo este a ser chamado de Método Analítico-Sintético de orientação Global.

Outras formas de aplicação são as que partem das vogais, que são associadas em seguida às consoantes, formando sílabas, que combinadas originam as palavras, vindo esta forma a revelar o processo sintético, que por sua vez vai nomear o método como o Método Analítico-Sintético de Orientação Sintética.

Analisando as perspectivas dos autores acima referenciados, que se debruçam sobre os métodos de ensino da leitura e escrita, concluímos que, todos os métodos são úteis e eficazes quer usados de forma isolados quer combinados, pois os alunos sentem as dificuldades de leitura e escrita da Língua Portuguesa de forma diferente, e por isso, o uso dos diversos métodos deve ser uma opção válida para que o professor possa levar os alunos a ler e escrever de forma proficiente.

2.6 Modelos de Processamento da Leitura

Dos diversos modelos de processamento da leitura, o presente trabalho optou por analisar o fenómeno na perspectiva de Kato (1990); Leffa (1996) e Kleiman (1999), que abordam o processamento da leitura através dos seguintes modelos: **Modelo de Processamento Ascendente, Modelo de Processamento Descendente e o Modelo de Processamento Interactivo.**

Conforme Leffa (1996, p. 12), no **Modelo de Processamento Ascendente (bottom-up model)**, ou seja, de baixo para cima, o leitor inicia a actividade de leitura partindo dos níveis inferiores de processamento do texto (sinais, gráficos, grafemas). A compreensão do texto é um processo complexo que tem início com o sub-processo automático, isto é, (inconsciente) de descodificar os sinais gráficos em seus contornos, características, para os reconhecer como grafemas. Ainda segundo o autor, a partir daí o processamento segue para a fase de identificar distintamente cada grafema em relação aos outros grafemas, e finalmente extrair significados

sucessivos e hierarquicamente a partir de palavras, de sintagmas, de frases, até que todo o significado tenha sido extraído do texto. O significado é extraído e vai se acumulando à medida que essas palavras vão sendo processados.

Para Kato (1990, p. 40), o Modelo de Processamento Ascendente faz uso linear e indutivo das informações visuais, linguísticas e sua abordagem é composicional, isto é, constrói os significados através da análise e síntese do significado das partes. Ainda segundo Kato, a preferência do estruturalismo linguístico tem a ver com a sua própria história, na qual se partiu das unidades menores para as maiores.

Outra abordagem é trazida por Kleiman (1999, p. 50), que aborda a questão do modelo de processamento ascendente, na vertente metacognitiva e cognitiva. O autor distingue as estratégias metacognitivas das operações cognitivas, ressaltando que as estratégias metacognitivas não são consideradas no modelo ascendente, visto que a concepção bottom-up de leitura, somente discute as operações cognitivas que regem os comportamentos automáticos, inconscientes do leitor, e o seu conjunto serve essencialmente para construir a coerência local do texto, isto é, aquelas relações coesivas que se estabelecem entre elementos sucessivos, sequenciais no texto.

Sobre o comportamento inconsciente do leitor, Kato (1990, p. 40-41), identifica o leitor que privilegia o processamento ascendente, ou seja, a leitura mecânica como aquele que constrói o significado com base nos dados do texto, fazendo pouca leitura nas entrelinhas, que apreende detalhes detectando até erros de ortografia, mas que não tira conclusões apressadas. Ainda segundo ele, esse leitor é vagaroso, pouco fluente e tem dificuldades de sintetizar as ideias do texto por não saber distinguir o que é meramente ilustrativo ou redundante.

No segundo, o **Modelo de Processamento Descendente (top-down model)**, a compreensão do texto toma o caminho contrário ao descrito no processamento ascendente, pois ela começa na mente do leitor até chegar ao texto.

Na perspectiva descendente, a leitura é entendida como um procedimento de levantamento de hipóteses e de inferências em que o leitor empresta seus conhecimentos e experiências ao texto. A representação mental envolve o processo de atribuição de sentidos à palavra identificada, conforme o contexto em que ela aparece no texto, ampliando os sentidos para unidades maiores como sintagmas, frases, até que, finalmente todo o texto tenha sido reconstruído como uma

unidade de sentido. Neste modelo de leitura, a experiência do leitor é de fundamental importância, já que é a partir dos seus conhecimentos prévios que as construções dos sentidos locais e globais do texto tornam-se possíveis. (Leffa, 1999; Kleiman, 1989).

Leffa (1999, p.12-14), afirma que no paradigma descendente de leitura, o leitor proficiente é aquele que, além de utilizar as informações visuais do texto, formula e testa activamente as hipóteses, confirmando-as ou rejeitando-as, baseando-se nos conceitos e contexto que delimitam o texto.

Sobre os conhecimentos prévios, Kato (1985, p.40), afirma que, o leitor que privilegia o processamento descendente faz excessos de adivinhações, utilizando-se mais de seu conhecimento anterior do que da informação efectivamente dada pelo texto.

No que diz respeito ao terceiro, o **Modelo de Processamento Interactivo**, Kleiman (1985, p.31), qualifica a interação que se estabelece entre o leitor e o texto no acto da leitura, e esclarece que a mesma se refere especificamente ao inter-relacionamento não hierarquizado de diversos níveis de conhecimento do sujeito, isto é, o conhecimento gráfico até ao conhecimento do mundo utilizado pelo leitor.

Kleiman (1999), trouxe considerações importantes para o modelo interacional, ao argumentar que, o leitor utiliza simultaneamente seus conhecimentos do mundo e seus conhecimentos linguísticos para construir a compreensão do texto.

Leffa (1996, p.29), afirma que o leitor usa do raciocínio de estratégias para desenvolver sua compreensão do texto, combinando diferentes fontes de conhecimento com os processos de inferência e testagem de hipóteses tão importantes para a compreensão leitora, já que o texto não se mostra transparente ou como um produto pronto acabado, isso porque o texto, por mais simples que seja, pressupõe, para sua compreensão, inúmeras inferências que devem ser feitas pelo leitor.

2.6.1 Modelos de Processamento da Escrita

Desde aos meados da década de 80 até a década de 90, surgiram grandes avanços na área da pesquisa Psicolinguística, sobretudo as que dizem respeito ao processamento da escrita. Nesses

avanços, surgiram novos conceitos e reflexões sobre o grau de experiência e conhecimento da pessoa que escreve o conceito de memória de trabalho e o conhecimento relativo ao assunto sobre o qual se escreve.

Trata-se do modelo de Flower e Hayes (1981), que apresenta o processo de escrita como resultado da interação de três domínios: o contexto da tarefa (produção), a memória de longo prazo da pessoa que escreve, e o processo propriamente dito, este último que integra as componentes da planificação, redação e da revisão.

O contexto da tarefa ou produção inclui tudo o que é externo à mente da pessoa que escreve, e que de alguma forma influencia o desenvolvimento da tarefa. (Hayes e Flower, 1981, p.12).

A memória a longo prazo, por sua vez pode ser entendida como todo o conhecimento que o indivíduo que escreve tem disponível sobre determinado assunto.

Flower e Hayes (1981), explicam que a planificação engloba todos os processos mentais envolvidos na concepção e organização de ideias da produção textual. Já a redação, corresponde à geração de sentenças e envolve transpor as ideias selecionadas na etapa de planificação, para um plano mais concreto, o da sentença propriamente dito. Por último encontra-se a revisão que constitui a etapa de ordem avaliativa em que o indivíduo se coloca na posição de leitor e actua sobre o seu próprio modificando estruturas, reelaborando conceitos e adicionando ou suprimindo informações.

Grabe e Kaplan (1996) apud Mata (2008) apresentam um modelo que revela duas dimensões diferentes, a saber: a dimensão do contexto social e a da memória operativa verbal do indivíduo que escreve e que se divide em três aspectos: o da definição interna dos objectivos, o do processamento do output interno e a do processamento verbal no qual se inclui a competência que entre outros aspectos, pressupõe conhecimentos sobre o discurso.

2.7 Estratégias de ensino da leitura e escrita

Segundo Amaro (2010, p.12), a aquisição da leitura e escrita proporciona complexas possibilidades de entendimento da relação sujeito-sociedade. Essa aquisição não se limita apenas à decifração de alguns sinais gráficos, exige do indivíduo uma participação efectiva

enquanto sujeito activo no processo, levando à produção de sentidos e construção de conhecimento. Assim, é perceptível que a leitura e escrita implicam uma compreensão, não só pela decifração, mas também pela aprendizagem dos símbolos fonéticos, a identificação dos seus valores, a motivação intrapessoal, a existência de condições materiais e físicas na escola e a associação mecânica desses aspectos entre si, ou seja, é capaz de potenciar e alargar conhecimentos na leitura e escrita.

Como afirma Sá (2004, p. 13), os professores do ensino primário responsáveis pela iniciação da leitura e escrita, sabem que o ensino e aprendizagem da leitura e escrita pode ser encarado de duas maneiras complementares.

Conforme Silva (2004), as aprendizagens da leitura e escrita são um dos desafios que as crianças têm que enfrentar nas fases iniciais da sua escolarização. Enfrentar e vencer esses desafios num mundo dominado pela informação escrita é o primeiro grande passo na vida das crianças que frequentam hoje a escola, mais que no amanhã se tornarão cidadãos autónomos na procura e percepção da informação de que necessitam nos mais diversos contextos.

Segundo Gaitas (2013), as práticas eficazes de ensino da leitura e escrita podem ser agrupadas em quatro tipos: 1) as teses que defendem o ensino explícito das correspondências grafema-fonema; 2) as teses que defendem que os alunos são capazes de induzir estas relações através da leitura e escrita de textos, através de abordagens globais ou analíticas; 3) os trabalhos que integram o ensino das correspondências grafema-fonema com a leitura e escrita de textos (modos mistos ou analítico-sintético); 4) teses que defendem estudos comparativos das diversificadas abordagens.

Segundo Dias (2013), muitos professores adaptam método e estratégias utilizadas para o ensino da alfabetização, e cabe aos mesmos possuir várias ferramentas para ensinar os alunos a ler e escrever, da palavra à letra, passando pelas sílabas, chegando à construção de frases e textos com os conhecimentos necessários adquiridos.

Para Smith (1990), qualquer estratégia de ensino está apta a ser utilizada no ensino aprendizagem da leitura e escrita com todas as crianças, pois elas são incrivelmente flexíveis e adaptáveis e qualquer criança com aptidões e capacidades ditas “normais” pode aprender a ler independentemente do método de aprendizagem utilizado.

Conforme Viana e Teixeira (2002, p. 93), defendem que teoricamente as diferentes metodologias para o ensino da leitura e escrita deveriam constituir a operacionalização das concepções sobre o acto de ler e escrever, e ter como suporte os diferentes modelos de leitura e escrita.

De acordo com Pereira (2016), para se conquistar o gosto dos alunos pela leitura e escrita, é imprescindível terem em conta algumas estratégias, para que todos, desde os que têm facilidade de compreender até os que têm dificuldades, consigam chegar a um nível satisfatório de compreensão e aproveitamento da leitura e escrita.

Ainda segundo Pereira (2016), o aluno se depara com o desafio de compreender o conteúdo da matéria ministrada, e o professor é encarregado de lhe ajudar e orientar. A leitura é uma estratégia de interação entre o professor e o aluno, através dela pode-se criar um pensamento crítico por parte do aluno, e o professor age como mediador, moldando as opiniões dos seus alunos e demonstrando-lhes a real mensagem do texto escrito e levando-os a fazer a produção escrita proficiente.

Na realidade, as estratégias de ensino da leitura e escrita da Língua Portuguesa, acontecem num meio real, com a intervenção dos diversos intervenientes entre os quais o aluno, professor, os conteúdos, os meios e materiais de ensino, entre outros.

Segundo Solé (1998), a leitura desenvolvida em uma sala de aulas apresenta três etapas de actividades com o texto: o antes, o durante e o depois da leitura. De acordo com os passos propostos por Solé (1998), destaca-se:

a) Actividades antes da leitura

- Levantamento do conhecimento prévio sobre o assunto a ser lido;
- Antecipação do tema ou ideia principal como: título, subtítulo, do exame de imagens;
- Expectativas em função do autor ou instituição responsável pela publicação.

b) Actividades durante a leitura

- Rectificação, confirmação ou rejeição das ideias antecipadas ou experiências criadas antes do acto de ler;

- Utilização do dicionário para consulta, esclarecimento sobre possíveis dúvidas acerca do vocabulário;
- Identificação de palavras – chave;
- Suposições sobre as conclusões implícitas no texto com base em outras leituras, valores, experiências de vida e crença;
- Construção do sentido global do texto;
- Busca de informações complementares ao conhecimento prévio; e
- Identificação referencial a outros textos.

c) Actividades depois da leitura

- Construção do sentido sobre o texto lido;
- Troca de opiniões e impressões a respeito do texto;
- Relacionar a informação para concluir as ideias;
- Avaliar as informações ou opiniões expressas no texto lido;
- Avaliar criticamente o texto abordado.

Conforme Solé (1998), as estratégias de ensino da leitura devem ser usadas para se pôr em prática os mecanismos das acções mentais desenvolvidas pelo aluno para construir um sentido, para que ele possa compreender com maior aproveitamento o que está sendo lido.

2.8 Causas das dificuldades de leitura e escrita

Segundo Shimazaki (2007), o fracasso escolar dos alunos com dificuldades de leitura e escrita foi durante muito tempo atribuído a factores extra-escolares. A família e as condições de vida dos alunos eram apontadas como a causa. Posteriormente, atribuíram-se as causas do fracasso às questões biológicas (fome, desnutrição) e culturais. Acreditava-se que a criança oriunda de meio pobre, sem acesso a uma boa alimentação e aos bens culturais fracassariam na escola.

Sampaio (2010, p. 32), considera que as causas das dificuldades no ensino da leitura e escrita podem apresentar razões de metodologia inadequada, método de alfabetização inadequado, privação cultural e económica, má formação dos docentes e falta de planeamento. Assim, o autor propõe a necessidade de se analisar o ambiente escolar e a motivação da equipa dos professores, a qualidade da relação professor-aluno-família, a proposta pedagógica e o grau de

exigência da escola que por muitas vezes preocupa-se apenas com a competitividade entre os alunos deixando de lado a criatividade.

Segundo Coelho (2009), as dificuldades de leitura e escrita estão intimamente ligados às seguintes causas:

- *Causas Orgânicas* – saúde física deficiente, falta de integridade neurológica, sistema nervoso doentio, alimentação inadequada, etc.
- *Causas Psicológicas* – inibição, fantasia, ansiedade, angústia, inadequação à realidade, sentimento generalizado de rejeição, etc.
- *Causas Ambientais* – o tipo de educação familiar, o grau de estimulação que a criança recebeu desde os primeiros dias de vida, a influência dos meios de comunicação, etc.

Para Weiss (1997), o fracasso escolar é uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola. Esta insuficiência escolar pode estar ligada à ausência da estrutura cognitiva, que permite a organização dos estímulos e favorecer a aquisição dos conhecimentos. A dificuldade de aprender pode, entretanto, estar relacionada a determinantes sociais, da escola e do próprio aluno, ou seja, ligadas a factores internos (cognitivos e emocionais) e a factores externos (culturais sociais e políticos).

Schliemann (1995), também atribui o fracasso escolar no que diz respeito às habilidades de leitura e escrita à instituição escolar. Os conhecimentos informais aplicados pelas crianças em situações cotidianas, não são aproveitados pela escola e são considerados inadequados para a aprendizagem no geral e de maneira particular para a leitura e escrita.

Chakur e Ravagninni (2001), também consideram a escola como causadora das dificuldades de leitura e escrita nas crianças, no que diz respeito à carência do espaço físico adequado, existência de turmas numerosas, à actuação de professores mal preparados e desmotivados para o trabalho docente, à utilização de práticas pedagógicas descompassadas com as necessidades e interesses dos alunos.

Weiss (1997), enfoca o histórico pessoal e familiar da criança como podendo estar também por detrás das causas do fracasso escolar das crianças. Essa perspectiva é normalmente considerada pela escola como a causa da maioria dos casos de baixo desempenho escolar na vertente da leitura e escrita, pois muitas crianças vêm de lares desestruturados, com pais que não acompanham os estudos dos filhos, que por sua vez não estão interessados em aprender.

Segundo Marturano (1998), crianças expostas a ambientes familiares com recursos facilitadores de aprendizagem no que diz respeito a leitura e escrita, vão desenvolver estratégias metacognitivas que facilitarão seu sucesso escolar. Ainda para Marturano (1998), dentre outros aspectos, a orientação e o suporte do trabalho escolar e as aspirações e expectativas acadêmicas dos pais, em relação aos filhos, são factores relevantes para o desempenho positivo da criança na aquisição das habilidades de leitura e escrita.

Concordamos com os autores acima, que afirmam que, o fracasso escolar dos alunos na vertente da leitura e escrita é provocado por diversos factores, tais são os casos de factores intrínsecos e externos do aluno que comportam as questões afectivas, motivacionais, culturais, sociais, políticos, económicos, familiares e ambientais, etc.

2.9 Papel do professor diante das dificuldades do aluno na aprendizagem

Segundo Reboul (1999), muitas crianças são identificadas como portadoras de dificuldades de leitura e escrita, quando não realizam a tarefa segundo o que se espera em uma programação do ensino. Seja porque ficam presas a mecanismos que tentam reproduzir sem êxito, seja porque, apesar de saberem até mais do que aquilo que o professor está ensinando, faltam-lhes mecanismos para se expressarem, seja lendo ou escrevendo.

Ao professor cabe apenas detectar as dificuldades de aprendizagem que aparecem em sua sala de aulas, principalmente nas escolas com carências, e investigar as causas de forma ampla, que abranja os aspectos orgânicos, neurológicos, mentais, psicológicos adicionados à problemática ambiental em que a criança vive.

Ainda segundo Reboul (1999), quando o acto de aprender a ler e escrever se apresenta problemático, é preciso uma avaliação muito mais abrangente e minuciosa. O professor não

pode esquecer que o aluno é um ser social com cultura, linguagem e valores específicos aos quais ele deve estar sempre atento, inclusive para evitar que seus próprios valores não o impeçam de auxiliar a criança em seu processo de aprendizagem. A criança é um todo, e quando apresenta dificuldades de aprendizagem, precisa ser avaliada em seus vários aspectos.

Qualquer problema de aprendizagem da leitura e escrita implica amplo trabalho do professor junto à família do aluno, para analisar situações e levantar características, visando descobrir o que representa dificuldade ou obstáculo para que o aluno aprenda. É importante ressaltar que, o professor que não conhece as manifestações próprias do pensamento infantil, para as várias faixas etárias, terá dificuldades em identificar o estágio em que o aluno se encontra (Coelho, 2009).

O papel do professor na abordagem construtivista, aproxima-se de uma concepção do profissional que facilita a construção de significativos por parte dos alunos nas suas interpretações do mundo. O professor na sala de aulas, deve primeiramente ter em mente a concepção bem clara da construção de conhecimentos enquanto processo dinâmico e relacional advindo da reflexão conjunta sobre o mundo real (Weisz, 2006).

Ainda segundo Weisz (2006), as relações convencionais professor-aluno estão em pauta de discussão não só como consequência da visão construtivista de aprendizagem, mas também porque o professor deixou de ser o único a ter acesso à informação nessa relação. Esse dado permite que o professor mude de postura, abdicando do poder que detinha enquanto único possuidor do conhecimento relativamente ao contexto escolar, favorecendo uma relação harmoniosa com o seu aluno.

Sobre a importância da instituição escola no ensino da leitura e escrita, Mesquita (2013), considera que ela desempenha um papel fundamental, pelo que cabe a escola motivar o aluno para a prática da leitura e escrita e assim favorecer satisfatoriamente um projecto de leitura e escrita a ser seguido, interligando a leitura satisfatória com a vida escolar e social do aluno.

Para Mesquita (2013), o ensino da leitura e escrita deve ser influenciado por toda a sociedade, mas a escola deve tomar o principal posto nessa função, delegando aos educadores a tarefa de chamar atenção aos alunos para a leitura e a desenvolver a escrita de forma a expressar seus pensamentos e ideias. Nesse contexto, o professor tem o papel primordial de mediar os conhecimentos.

O autor destaca por outro lado, que o professor é o mediador do processo entre o que a escola tem a oferecer para o crescimento do aluno como leitor, e o que o aluno tem que aprender para que esse crescimento seja significativo. Portanto, o desenvolvimento do aluno se faz dentro da escola, pois muitos só têm contacto com a leitura apenas no ambiente escolar (Mesquita, 2013).

Para Martins (1984), a tarefa do professor não seria precisamente ensinar a ler, mas criar condições para o aluno realizar sua própria aprendizagem de acordo com seus interesses, fantasias, necessidades e segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresentar.

O professor deve se empenhar para que, com o seu empenho e com o empenho dos alunos forme leitores críticos capazes de responder às suas necessidades pessoais, ter desempenho melhor nas demais disciplinas com as quais tem contacto na escola. (Geraldi, 2004, p. 91)

Ainda segundo Geraldi (2004), na leitura, o diálogo do aluno é com o texto. O professor, um mero testemunha desse diálogo, é também leitor, e sua leitura é uma das leituras possíveis. Se considerarmos algumas posturas ante a leitura de um texto, talvez a sua prática na escola cumpra um “incentivo à leitura”.

Geraldi (2004) sublinha também que, o papel da escola é fundamental no processo de ensino da leitura, no qual o professor, sendo o principal agente no processo de melhoria da qualidade do ensino, poderá realizar uma série de actividades que favoreçam a aproximação do aluno com a leitura. Para que essa prática se torne interessante ao outro, ela deve ser introduzida de maneira agradável e estimulante e não de maneira autoritária e nem de forma obrigatória, pois ela é a condição essencial para o bom desempenho da linguagem oral e escrita.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Para o alcance dos objectivos definidos neste estudo, apresentamos a metodologia que tornou possível a realização deste trabalho, bem como a de investigação do problema de pesquisa: Quais são as causas das dificuldades de leitura e escrita da Língua Portuguesa dos alunos da 6ª classe, na Escola Primária Completa de Mahau?

Neste capítulo são abordados os seguintes conteúdos: a descrição do local de estudo, o tipo de pesquisa, a natureza da pesquisa, definição do universo da pesquisa, técnicas ou instrumentos de colecta de dados e as questões éticas.

3.1 Descrição do local de estudo

A Escola Primária Completa de Mahau situa-se no povoado de Mahau, Distrito de Matutuíne, Província de Maputo. A escola possui uma área de cerca de 150 m², conta com um total de 4 salas de aulas construídas com material convencional, dois gabinetes e uma secretaria. Possui ainda uma cozinha e armazém, uma estufa, tanques de reserva de água, quatro residências para professores e um sanitário multiusos.

3.2 Tipo de Pesquisa

Na elaboração deste trabalho, escolhemos o método de estudo de caso dado o interesse de pretendermos compreender as causas das dificuldades dos alunos no ensino da leitura e escrita numa determinada escola.

Conforme Lakatos e Marconi (2003), o estudo de caso é aquele que procura examinar de forma detalhada uma determinada situação. No nosso caso, a pesquisa centrou-se na Escola Primária Completa de Mahau.

3.3 Natureza da pesquisa

Acerca da natureza de pesquisa, o presente trabalho foi orientado na base do método qualitativo que procura aprofundar as percepções, sentimentos e visões dos envolvidos na pesquisa social

que envolve a subjectividade do pesquisador, pois ele também se envolve no meio em que ocorrem os fenómenos estudados.

Para além do método qualitativo, a nossa investigação usa o método quantitativo, que visou a análise dos dados recolhidos no campo e permitiu a interpretação dos dados de forma numérica torná-los mais compreensíveis e quantificáveis.

Bagdan & Taylor (1975), consideram que nos estudos qualitativos, o investigador deve estar completamente envolvido no campo de acção dos investigados, uma vez que, na sua essência este método de investigação baseia-se principalmente em conversar, ouvir, e permitir a expressão livre dos participantes.

Segundo Gil (1999), a pesquisa qualitativa é tomada como aquela que propicia o aprofundamento das questões relacionadas com o fenómeno em estudo.

Neste caso, a pesquisa realizada é qualitativa porque procura identificar e compreender as causas que criam as barreiras de aprendizagem da leitura e escrita nos alunos da 6ª classe na Escola Primária Completa de Mahau.

3.4 Delimitação do universo da pesquisa

A Escola Primária Completa de Mahau possui um total de 12 professores, sendo 2 mulheres e 10 homens, que leccionam do 1º ao 2º ciclo. A EPC Mahau conta com um total de 12 turmas, sendo 2 da 1ª classe, 2 da 2ª classe, 2 da 3ª classe, 1 da 4ª classe, 1 da 5ª classe e 4 da 6ª classe com um total de 85 alunos como população do nosso estudo. No que diz respeito ao número dos alunos, a EPC de Mahau possui um total de 339 alunos, dos quais 185 homens e 154 mulheres distribuídos pelas 6 classe.

Para o universo populacional deste presente estudo foram seleccionados os professores que leccionam a 6ª classe, sendo todos do sexo masculino em número de 4, e 20 alunos frequentando a 6ª classe que é a última do 2º ciclo do ensino primário.

Para a constituição da amostra do estudo, os participantes foram seleccionadas através da técnica de amostragem não aleatória e intencional. Para o estudo, os participantes foram apenas professores e alunos.

Tabela 1- Caracterização da amostra dos professores

Caracterização	Variável	Frequência	Percentagem
Sexo	Masculino	4	100%
	Feminino	0	0%
Experiência Profissional	1 a 5 anos	1	25%
	6 a 10 anos	2	50%
	+ 15 anos	1	25%
Tempo de Serviço	1 - 5 anos	1	25%
	6 – 10 anos	2	50%
	+ 15 anos	1	25%
Formação Profissional	10 ^a + 1	—	—
	10 ^a + 2	3	75%
	10 ^a + 3	—	—
	Licenciatura	1	25%
Total		4	100%

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Tabela 2 - Caracterização da amostra dos alunos

Caracterização	Variável	Frequência	Percentagem
Sexo	Masculino	7	35%
	Feminino	13	65%
Faixa etária	11 - 12 anos	14	70%
	13 – 14 anos	6	30%
Classe	6 ^a Classe	20	100%
Total		20	100%

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

3.5 Técnicas e instrumentos de colecta de dados

Para a prossecução do objectivo geral que visa compreender as causas que criam dificuldades de leitura e escrita dos alunos da 6^a classe na EPC Mahau, e as estratégias que são usadas pelos professores, procedemos com o uso de duas técnicas combinadas: ao questionário e à entrevista

semiestruturada. Escolhemos o questionário misto preconcebido com perguntas abertas e fechadas, dirigidas aos alunos da classe.

A entrevista estruturada foi elaborada com base no guião preconcebido dirigido aos professores, tendo como base as perguntas de pesquisa, na qual se pretende colher as informações acerca das estratégias que os docentes usam no ensino da leitura e escrita da Língua Portuguesa na EPC Mahau.

3.6 Questões éticas

No que diz respeito às questões éticas, o autor do trabalho foi devidamente orientado para realizar a presente pesquisa. Em relação aos respondentes, o autor foi muito cuidadoso em explicar a finalidade do trabalho que realizava, dessa forma dando espaço para que os mesmos estivessem a vontade nas suas intervenções. Pela compreensão, os respondentes requereram que não fosse divulgada a sua identidade, nos métodos de recolha de dados e, desse modo, todos os pontos focalizados com os respondentes em relação às suas exigências foram observados.

Para a concretização do trabalho de campo na instituição de ensino, o pesquisador foi portador da credencial disponibilizada pela Faculdade de Educação através da repartição do registo académico da Universidade.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Neste capítulo temos como objectivo apresentar, analisar e interpretar os dados recolhidos durante a pesquisa. Tendo sido objectivo do trabalho, procurar compreender as causas das dificuldades da leitura e escrita dos alunos da 6ª classe da Escola Primária Completa de Mahau (2020 - 2021). Durante o trabalho procuramos de maneira específica verificar as estratégias metodológicas usadas pelos professores da escola no ensino da leitura e escrita, com o fim de analisar o modo como os mesmos aplicam as mesmas estratégias na sala de aulas.

Este capítulo está dividido em dois subcapítulos, nos quais fazemos a apresentação dos dados da pesquisa e no outro a análise e interpretação dos mesmos.

4.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

No presente subcapítulo apresentamos as respostas da entrevista aplicada aos professores e as respostas do questionário direccionado aos alunos da escola.

4.1.2 Respostas da Entrevista aplicada aos Professores

Para garantir o anonimato dos entrevistados neste trabalho, usamos as siglas P1, P2, P3 e P4 para nomear a cada um dos quatro professores participantes.

1. Qual é a sua especialidade de formação profissional?

P1 - Curso regular de formação de professores.

P2 - Curso regular de formação de professores.

P3 - Curso regular de formação de professores.

P4 - Curso de Educação Física, Ciências Naturais e Biologia.

2. Que actividades de ensino de leitura e escrita desenvolve na sala de aulas?

P1 - As actividades de ensino da leitura e escrita por mim desenvolvidas são a leitura, ditado, cópias e redacção.

P2 - Leitura do quadro de sílabas, ditado, soletração, formação oral de palavras depois da leitura de sílabas, actividade de cópia de pequenos textos e a redacção.

P3 - Na sala de aulas tenho desenvolvido actividades relacionadas com a construção de palavras e frases, leitura de cartazes de sílabas, construção de palavras e frases, leitura e cópias de textos e elaboração de redacções.

P4 - Eu trabalho com a soletração de sílabas e palavras, jogos de identificação de palavras, quadro alfabético e silábico e também a realização do ditado.

3. Como desenvolve as actividades de leitura e escrita na sala de aulas?

P1 - Os alunos fazem a leitura do texto partindo da descrição de uma imagem, fazem ditado de frases e pequenos textos transferindo assim o som que ouvem para a grafia; fazem cópias de parágrafos, versos etc.

P2 - Organizo alunos em pequenos grupos e coloco em cada grupo um conjunto de sílabas que formam uma palavra e peço aos alunos para lerem e organizar de modo a formarem uma palavra correcta, nesta actividade cada grupo tem as suas sílabas e palavras e no final cada grupo lê a sua palavra e se elege um aluno de cada grupo para escrever a palavra no quadro.

P3 - Para desenvolver as actividades do ensino da leitura e escrita, tenho dado actividades diferenciadas onde os “mais fracos” têm actividades de leitura de sílabas e formam palavras, enquanto o resto leem textos repetidamente, elaboram redacções, canções, etc. e também formei grupos mistos de estudo para trabalharem fora da escola.

P4 - Através da soletração eu enumero as letras de certa palavra no texto em estudo e o aluno que primeiro a encontra a lê para todos; no jogo de identificação de palavras eu leio uma palavra e o aluno procura-a no texto. Tenho também o hábito de expor o quadro alfabético, revê-lo nos instantes que antecedem o ensino da leitura e escrita.

4. Qual é o ponto de situação no domínio da leitura e escrita dos seus alunos?

P1 - Progressiva, pois a tendência é crescente dos alunos que lê e escreve.

P2 - A turma tem um número considerável de alunos que tem dificuldades na leitura, não obstante existirem um número de alunos que dominam a leitura e escrita para o seu nível.

P3 - Tenho alunos que até precisam de ajuda para lerem as letras do alfabeto, outros apenas erros ortográficos na escrita, uma pequena parte lê e escreve satisfatoriamente.

P4 - O ponto de situação não é dos melhores, pelo facto de comporem a turma 3 grupos de alunos distintos a saber: os que tem domínio da leitura e escrita em menos percentagem, alguns que mostram um pouco de habilidades e os que não apresentam e nem mostram dedicação que são a maioria.

5. Existe por parte dos seus alunos alguma motivação para a leitura e escrita?

P1 - A motivação para a leitura e escrita nos alunos é o espírito de competição entre eles ao nível da turma.

P2 - Uma vez que a turma é composta por vários tipos de alunos, os que sabem ler e escrever tem uma grande motivação intrínseca, mas os outros mostram medo e receio, assim sendo, tenho motivado a esses através de canções.

P3 - Sim existe motivação nos alunos.

P4- Sim. A competição tem se constituído em um motivo de combustão neste processo, uma vez que os meus alunos se sentem superiores aos outros quando demonstram capacidades e habilidades na leitura e escrita.

6. Quais são os métodos de ensino que tem usado no ensino da leitura e escrita na sala de aulas?

P1-Os métodos que uso no ensino da leitura e escrita são os seguintes: o método analítico-sintético e o sintético (método silábico).

P2-No ensino da leitura e escrita tenho usado os seguintes métodos: método analítico-sintético, elaboração conjunta, trabalho independente, trabalho aos pares e em grupos.

P3-Para ensinar a leitura e escrita tenho usado os métodos analítico-sintéticos, trabalho aos pares, Elaboração conjunta e trabalho independente.

P4-Trabalho independente, elaboração conjunta e trabalho em grupo.

7. Sente que possui domínio no uso dos métodos de ensino da leitura e escrita?

P1- Claramente, pois tenho visto os bons resultados em resposta da sua aplicação na sala de aulas.

P2 – Sim.

P3 – Sim, sinto-me confiante com esses métodos.

P4 – Sim, visto que tenho observado casos de alunos que tem conseguido adquirir as habilidades, visto que antes não possuíam.

8. Acredita na eficácia dos métodos de ensino da leitura e escrita da Língua Portuguesa propostos nos programas de ensino?

P1 – Sim acredito. Porém devem ser ajustados e aplicados na realidade concreta.

P2 – Acredito sim na eficácia, mas também não devemos nos limitar em apenas usar os métodos já estabelecidos, mas devemos pesquisar outros que possam melhorar o processo de ensino aprendizagem.

P3 – Sim, porque trazem melhorias.

P4 – Não na totalidade, visto que as realidades dos alunos são diferentes.

9. Qual é a percepção que tem do acompanhamento dado aos alunos pelos encarregados de educação?

P1 – Os pais e encarregados de educação não fazem o devido acompanhamento dos seus educandos por causa dos seguintes motivos: falta de escola, por desleixo e outros por falta de tempo por conta do trabalho e outros afazeres do dia-a-dia.

P2 – A maioria dos encarregados de educação não fazem o acompanhamento deixando os seus filhos na responsabilidade do professor o que não facilita o processo de ensino aprendizagem, pois quando a criança está em casa ninguém faz o acompanhamento e muitas das vezes nem tempo de fazer TPC têm.

P3 – Quanto ao acompanhamento, hoje em dia não é forte, nós professores procuramos o encarregado quase todos os dias lectivos em particular na minha turma, pois aparecem às vezes no final do trimestre ou nunca chegam a aparecer quando solicitados. O fraco acompanhamento nota-se nos TPC.

P4 – Percebo que os encarregados de educação não desempenham na íntegra o seu papel de responsáveis em acompanhar o processo de ensino dos seus educandos. Para maior parte dos encarregados de educação pensam que o seu papel é por simplesmente matricular os seus filhos e adquirir os materiais escolares.

10. Em sua opinião, quais são as causas das dificuldades de leitura e da escrita dos alunos?

P1 – Falta de acompanhamento dos encarregados de educação; falta de incentivo por parte da família na vida escolar dos alunos; poucas tarefas de treinamento dadas pelos professores aos alunos com dificuldades na leitura e escrita; fraca concentração dos

alunos na escola e fraca preparação das aulas por parte dos professores; fraca assiduidade dos alunos.

P2 – Uma das causas das dificuldades de leitura e escrita nos alunos é a falta de acompanhamento dos alunos por parte dos encarregados de educação; falta de material adequado para o treinamento da leitura e escrita; falta de interesse dos alunos e as progressões semiautomáticas.

P3 – Progressões semiautomáticas e fraco acompanhamento dos encarregados de educação dado aos alunos.

P4 – Progressões semiautomáticas; falta de dedicação dos alunos; falta de acompanhamento dos encarregados de educação; má selecção dos métodos e técnicas de ensino por parte dos professores; fraco domínio da língua oficial do ensino e o nível social das famílias.

4.2 Apresentação dos dados do questionário aplicado aos alunos

Com vista a obter a percepção dos alunos acerca do tema em estudo, foi aplicado o questionário a 20 alunos, onde em cada pergunta o aluno devia responder por escrito ou colocando uma cruz na opção que reflectisse a sua situação no que diz respeito à leitura e escrita.

1. Gostas de ler?

Analisadas as respostas dos alunos, constatou-se que 18 responderam que *sim* gostam de ler e 2 *não* gostam de ler.

1. Lês e escreves muito bem?

Colhidas as respostas dos alunos, 5 responderam que *sim*, 13 *não* 2 responderam que escreviam *com dificuldades*.

2. Qual é a disciplina de que tu mais gostas?

Para esta pergunta, 9 alunos responderam que gostam da disciplina de *Português*, 8 alunos gostam da disciplina de *Matemática*, 2 gostam da disciplina de *Ciências Naturais* e 1 gosta da disciplina de *Educação Visual*.

3. Quais são as actividades de que tu mais gostas na disciplina de Português?

Nesta questão, 4 alunos responderam que gostam de resolver *exercícios de interpretação*, 2 disseram que *elaborar redacções*, 3 gostam de *ditado* e 11 gostam da *leitura*.

4. Como é que o teu professor te ensina a ler e a escrever?

No que diz respeito a esta questão, 5 alunos responderam que o professor lhes ensina a ler e a escrever através da *elaboração de ditados*, 8 através da *leitura* e 5 através da *leitura de sílabas* e 2 através da elaboração da *redacção*.

5. Quando tens dificuldades na leitura e escrita, o teu professor te ajuda?

Colhidas as respostas relativas a esta pergunta, verificou-se que 11 alunos responderam que *sim*, 1 respondeu que *não* e 8 responderam que *às vezes* tem tido ajuda do professor.

6. Os teus pais/encarregados de educação ajudam-te nos trabalhos de casa que tem a ver com a leitura e escrita?

No que respeita a esta pergunta, 11 alunos responderam que *sempre* tem tido ajuda, 1 respondeu que *nunca*, 1 respondeu que *às vezes* e 7 responderam que tem recebido ajuda *muitas vezes*.

4.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O presente subcapítulo tem como objectivo analisar e interpretar os dados da entrevista aplicada aos professores e do questionário direccionado aos alunos, que foram apresentadas no subcapítulo anterior.

4.3.1. Análise e interpretação dos dados relativos a entrevista aplicada aos professores

No que diz respeito as respostas dadas pelos professores, na primeira pergunta pretendíamos conhecer a especialidade de formação de cada docente, por maneira a perceber a área de especialização dos professores. Neste aspecto, verificamos que 3 dos 4 professores tem a formação regular, o que pressupõe que a maioria dos professores da Escola Primária Completa de Mahau tem formação geral, isto é, possuem formação que os possibilita e os capacita a leccionarem todas as disciplinas previstas no ensino primário.

No que se refere a segunda pergunta verificamos que, todos os professores referem-se às mesmas actividades, tais são os casos da leitura, ditado, redacção, cópias, uso do quadro

silábico e alfabético. Nesta questão pudemos concluir que os professores da escola implementam as mesmas actividades para desenvolverem o ensino da leitura e escrita.

No que toca a terceira pergunta, sobre como são desenvolvidas as actividades de leitura e escrita na sala de aulas, notamos que o P2 e P3 referem-se à actividades feitas em grupos, enquanto que o P1 fala do método analítico que corresponde à relação som-grafia. Por sua vez, o P4 destaca os jogos de identificação de palavras, soletração e o uso do quadro silábico. Com estas respostas, podemos verificar que os professores da escola divergem na forma como desenvolvem as actividades de ensino da leitura e escrita.

Para Smith (1990), qualquer prática está apta a ser utilizada no ensino/aprendizagem da leitura e escrita com todas as crianças, pois elas são incrivelmente flexíveis e adaptáveis a qualquer criança com aptidões ditas “normais” pode aprender a ler independentemente do método de aprendizagem utilizado.

Segundo Gaitas (2013), as práticas eficazes de ensino da leitura e da escrita podem se agrupadas em quatro tipos: 1) os trabalhos que defendem o ensino explícito das correspondências grafema-fonema; 2) os trabalhos que defendem que os alunos são capazes de induzir estas relações através da leitura e da escrita de textos, através de abordagens globais; 3) os trabalhos que integram o ensino das correspondências grafema-fonema com a leitura e escrita de textos; 4) por fim os estudos comparativos das diferentes abordagens.

Analisando as respostas dos professores na quarta pergunta, relativa ao domínio da leitura e escrita pudemos ver que mesmo tendo sido dadas de forma qualitativa, os alunos da 6ª classe apresentam dificuldades no domínio da leitura e escrita. Isto vem a corroborar com os relatórios de monitoria e supervisão apresentados pelo (INDE) referente aos anos de 2009, 2010 e 2011 que referem que a maioria dos alunos do nível primário possuem dificuldades da leitura e escrita. Com isso, torna-se imperioso que os professores da escola busquem melhorar a forma como com os alunos na componente do ensino da leitura e escrita. Sobre este aspecto, Kleiman (1992), afirma que é preciso oferecer aos alunos a oportunidade de leitura de forma convidativa e aprazível. É neste sentido que o incentivo a leitura desempenha um importante papel, isto é, conduzir os alunos ao mundo novo e desconhecido. Os professores devem propor a leitura como uma das suas metas.

Para a quinta pergunta todos os professores firmam que existe de alguma forma a motivação nos alunos, visto a partir do espírito competitivo entre os alunos nas actividades de leitura e a

escrita. O P3 refere-se à existência da motivação intrínseca em alguns alunos, como o factor que facilita o desejo de aprender a ler e a escrever. Sobre aspecto, Illeris (2013), define factores internos como características do indivíduo, que dificultam ou possibilitam o envolvimento do sujeito com o processo de ensino e aprendizagem, onde fazem parte quer das suas características de personalidade, quer das suas características físicas, que podem ser factores cognitivos, factores biológicos e emocionais.

Segundo Kleiman (1992), é preciso oferecer aos alunos a oportunidade de leitura de forma convidativa e aprazível. É neste sentido que o incentivo a leitura desempenha um importante papel, isto é, conduzir os alunos ao mundo novo e desconhecido. Os professores devem propor a leitura como uma das suas metas.

Concordamos com o exposto acima, pois a motivação podendo ser intrínseca ou extrínseca é necessário que o professor explore estas possibilidades criando o gosto pela leitura e escrita nos alunos, através da leitura e escrita prazerosa e convidativa levando o aluno a interessar-se pela leitura e escrita, pois, com ela o aluno descobre novos mundos e realidades.

No que diz respeito à sexta questão, os professores afirmaram que utilizam desde o método analítico, analítico-sintético, elaboração conjunta, trabalho independente, trabalho em grupo até o trabalho em grupo.

Para Simith (1999, p.20), qualquer método está apto a ser utilizado no processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita com todas as crianças, pois elas são incrivelmente flexíveis e adaptáveis em qualquer criança com aptidões ditas “normais” podem aprender a ler e escrever independentemente do método utilizado.

Sobre este aspecto, Mialaret (1997), afirma que cada professor adota um método introduzindo nas suas metodologias algumas diferenças por crenças pessoais, ou em função de variáveis que surjam na prática pedagógica. Assim, ainda segundo o autor, é fundamental que durante a formação (inicial e contínua) o professor tenha direito a uma formação especializada no ensino da leitura e da escrita, com base na teoria escrita e através da experimentação para que assim lhe seja possível perceber e sustentar as suas opções metodológicas de ensino. Acrescenta ainda o autor afirmando que, para que o processo de ensino aprendizagem seja positivo na sua prática, o professor deve ter uma noção concreta dos diferentes métodos de iniciação à leitura e à escrita e das respectivas estratégias indicadas para cada um deles.

Em relação à sétima pergunta, todos os professores responderam que possuíam domínio no uso dos métodos de ensino da leitura e escrita, pois viam resultados positivos como consequência do seu uso na sala de aulas.

Segundo Simões (2012), é responsabilidade da escola, dispor de professores capacitados para ensinar e educar, usando de técnicas pedagógicas para o bom ensino da escrita e leitura. Sendo que o professor deve estar previamente preparado para administrar o conteúdo, deve ter lido e meditado sobre as supostas dúvidas de seus alunos para sanar os questionamentos dos mesmos. Ainda segundo o mesmo autor, o professor deve estar apto a administrar o conteúdo de acordo com a classe e as necessidades, usando os métodos adequados para cada faixa etária.

É nosso entender que, é fundamental que o professor como orientador e mediador das aprendizagens dos seus alunos, tenha profundo domínio no conhecimento dos métodos e estratégias de ensino da leitura e escrita, pois sem isso, para além de formar poderá engajar-se na deformação dos seus alunos.

Sobre a eficácia dos métodos de ensino da leitura e escrita previstos nos programas de ensino primário, os professores responderam positivamente, contudo o P1 e P4 defendem o seu ajuste na sala de aulas pelo professor devido a diferenças que se observam na aprendizagem dos alunos. De salientar que os programas de ensino primário, sugerem o uso do método analítico-sintético nas primeiras classes para o ensino da leitura e escrita.

No que respeita a nona questão, os professores convergiram nas suas respostas dizendo que os encarregados de educação não fazem o devido acompanhamento dos seus educandos.

Segundo Coimbra (1990), a escola e a família são contextos de desenvolvimento dos indivíduos com papéis complementares no processo educativo, cujo significado cultural, económico e existencial residem no encontro dinâmico das realidades, valores e projectos de cada uma destas unidades sociais.

Para Silva (2003), o envolvimento das famílias na vida escolar contribui significativamente para melhorar os desempenhos sociais e académicos dos alunos, considerando-se também que a escola e a família partilham o objectivo educacional que centra-se no desenvolvimento harmonioso da personalidade e sucesso educativo global dos alunos.

Relativamente à pergunta sobre as causas das dificuldades da leitura e escrita dos alunos, o P2, P3 e P4 apontaram as progressões semiautomáticas que se verificam dentro das classes do

mesmo ciclo como uma das causas. Todos os professores responderam ainda que, o fraco acompanhamento dos encarregados de educação nos estudos dos seus educandos contribui também para o fraco desempenho dos alunos na leitura e escrita. Afirmaram ainda que, a falta de interesse dos alunos nos estudos, a exiguidade de materiais didáticos de auxílio ao ensino da leitura e escrita, a fraca preparação das aulas, a má seleção das técnicas e métodos de ensino da leitura e escrita e o fraco domínio da língua oficial de ensino seriam outras causas do fraco domínio da leitura e escrita na escola. No que diz respeito às progressões semiautomáticas, somos da opinião de que, a má interpretação desta política pode estar na origem da sua indicação como causa do fraco desempenho escolar dos alunos, ou mesmo estar a ser usado como refúgio pelos professores mediante sua incapacidade de ensinar a ler e a escrever. Os programas de ensino primário possuem competências intercalares a serem alcançados em cada classe do ciclo e posteriormente são definidos os objectivos e competências a ser atingidos na última classe do ciclo. Sobre o exposto acima, Mainardes (2008), afirma que a institucionalização das promoções automáticas de forma isolada e sem garantia de condições adequadas gerou problemas, provavelmente maiores que aqueles cuja solução foi empregada.

Sobre o aspecto levantado pelo P1, acerca da fraca preparação das aulas, Simões (2012), afirma que é responsabilidade da escola, dispor de professores capacitados para ensinar e educar, usando de técnicas pedagógicas para o bom ensino da escrita e leitura. Sendo que o professor deve estar previamente preparado para administrar o conteúdo, deve ter lido e meditado sobre as supostas dúvidas de seus alunos para sanar os questionamentos dos mesmos. Ainda segundo o mesmo autor, o professor deve estar apto a administrar o conteúdo de acordo com a classe e as necessidades, usando os métodos adequados para cada faixa etária.

4.3.2. Análise e interpretação das respostas do questionário aplicado aos alunos

No que diz respeito à questão 1, pretendíamos perceber se os alunos possuíam o gosto pela leitura. Dos enqueridos, 18 alunos o correspondente a 90% disseram que gostavam de ler, enquanto 2, o correspondente a 10% responderam que não. (Vide gráfico 1). Sobre este aspecto compreendemos que os alunos possuem predisposição intrínseca para aprender a ler, o que é em si um primeiro passo para o sucesso na actividade de leitura.

Sobre este aspecto, Illeris (2013), define factores internos como características do indivíduo, que dificultam ou possibilitam o envolvimento do sujeito no processo de ensino e aprendizagem, onde fazem parte quer as suas características de personalidade, quer as suas características físicas, que podem ser factores cognitivos, factores biológicos e os emocionais.



Figura 1: Alunos que gostam e os que não gostam de ler.

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa

No que refere-se a pergunta 2, pretendíamos aferir se os alunos na sua visão achavam que escreviam muito bem ou não, ou então se escreviam com dificuldades. Analisando as respostas, 25% o equivalente a 5 alunos responderam que sim, 65% o correspondente a 13 inqueridos, responderam que não e apenas 10% o que equivale a 2 alunos disseram que escreviam mas com dificuldades (Vide gráfico 2).

Estas respostas confirmam os dados dos relatórios da monitoria de supervisão de 2009, 2010, 2011 produzidos pelo INDE, que referem que a maioria dos alunos do nível primário possuem dificuldades na leitura e escrita.

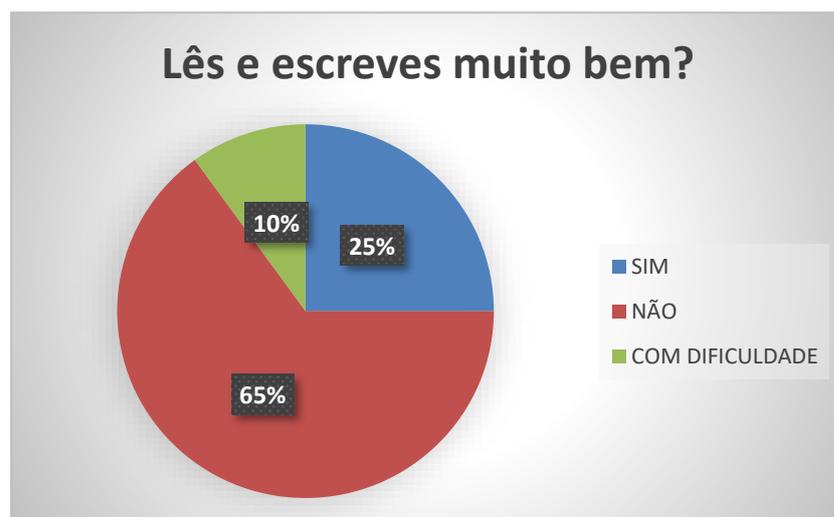


Figura 2: Alunos com dificuldades e sem dificuldades na leitura e escrita

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa

De acordo com as respostas dos alunos no que diz respeito a pergunta 3, 45% correspondente a 9 alunos, disseram que gostavam mais da disciplina de Língua Portuguesa, 40% o equivalente a 8 alunos, responderam que gostavam da disciplina de Matemática, já 10% o correspondente a 2 alunos responderam que gostavam mais da disciplina de Ciências Naturais e apenas 1 alunos que equivale a 5% respondeu que gostava mais da disciplina de Educação Visual (Vide gráfico 3).

Com as respostas dadas, concluímos que a maior parte dos alunos gostam mais da disciplina de Língua Portuguesa. Assim ficaria excluída a possibilidade de os mesmos não saberem ler pelo facto de não gostarem de disciplina que trata do ensino da leitura e escrita, mesmo reconhecendo que a actividade de ler e escrever acontece em quase todas as disciplinas curriculares. Assim sendo, os professores devem proporcionar actividades estimulantes e significativas que criem nos alunos o interesse e motivação pela leitura e escrita.

Segundo Kleiman (1992), é preciso oferecer aos alunos a oportunidade de ler de forma convidativa e aprazível. É neste sentido que o incentivo à leitura desempenha um importante papel, isto é, conduzir os alunos ao mundo novo e desconhecido. Os professores devem propor a leitura como um das suas metas.

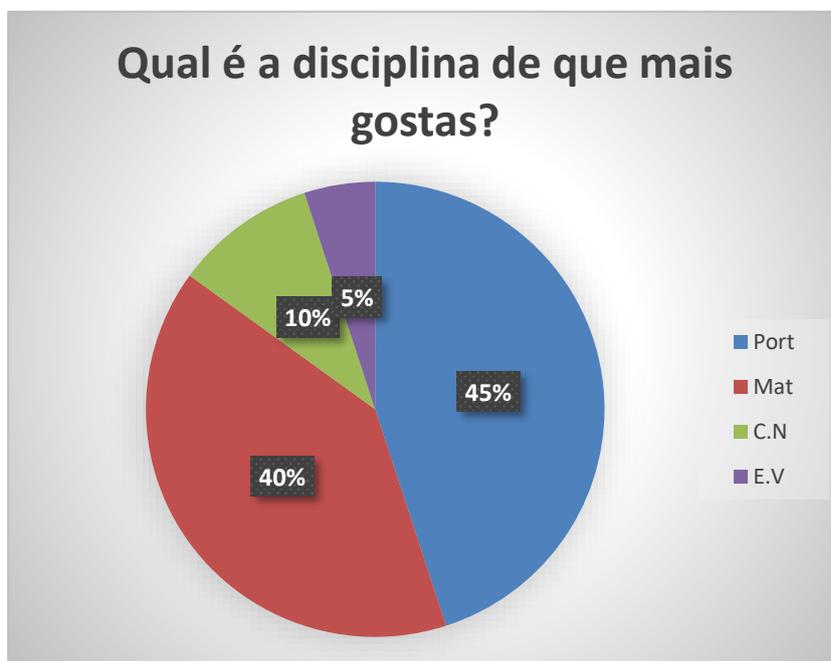


Figura 3: Disciplinas que os alunos mais gostam.

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa

Sobre as actividades que os alunos mais gostam na disciplina de Português, 55% dos alunos, o correspondente a 11 alunos responderam que gostam de ler, já 20% o que equivale a 4 alunos disseram que gostam de resolver os exercícios de interpretação do texto, 15% disseram que gostam do Ditado, apenas 10% o correspondente a 2 alunos responderam que gostam de fazer composições/redacções (Vide gráfico 4).

Com o exposto acima, podemos notar que os alunos têm interesse e gostos diferentes na aula de Português, por isso é importante que o professor diversifique as actividades que possam conduzir os alunos ao sucesso na leitura e escrita.

Para Smith (1990), qualquer prática está apta a ser utilizada no ensino para a aprendizagem da leitura e escrita com todas as crianças, pois elas são incrivelmente flexíveis e adaptáveis a qualquer criança com aptidões ditas normais pode aprender a ler e escrever independentemente do método de aprendizagem utilizado.

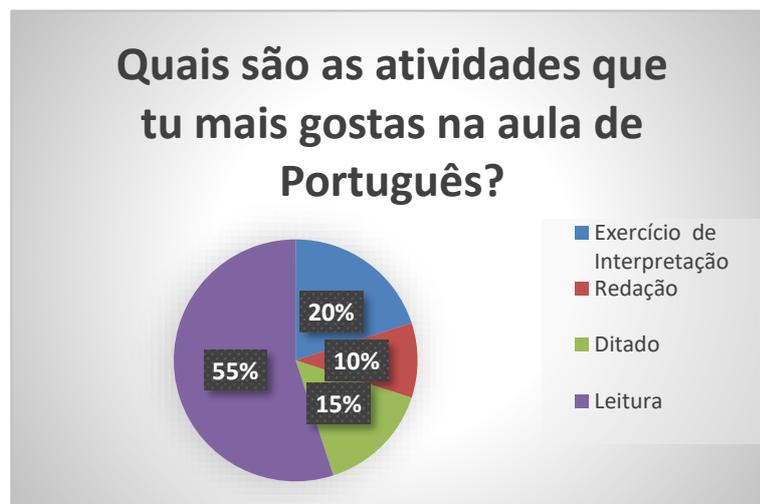


Figura 4:Actividades que os alunos mais gostam na disciplina de Português.

Fonte: elaborado pelo autor da pesquisa

Com a pergunta 5, pretendíamos perceber até que ponto os encarregados de educação acompanham e ajudam os seus filhos com os trabalhos para casa. De acordo com as respostas dadas notamos que, 55% dos alunos o correspondente a 11 inqueridos responderam que sempre tido ajuda, enquanto 35% o que equivalente a 7 alunos disseram que têm tido apoio muitas vezes, 5% o que equivale a 1 aluno respondeu que nunca tem apoio e outros 5% também correspondente a 1 aluno respondeu que as vezes recebe ajuda do encarregado de educação

(Vide gráfico 5). Segundo Costa (2015), a família é o meio natural da criança, o apoio e estímulo são indispensáveis para o desenvolvimento da aprendizagem.

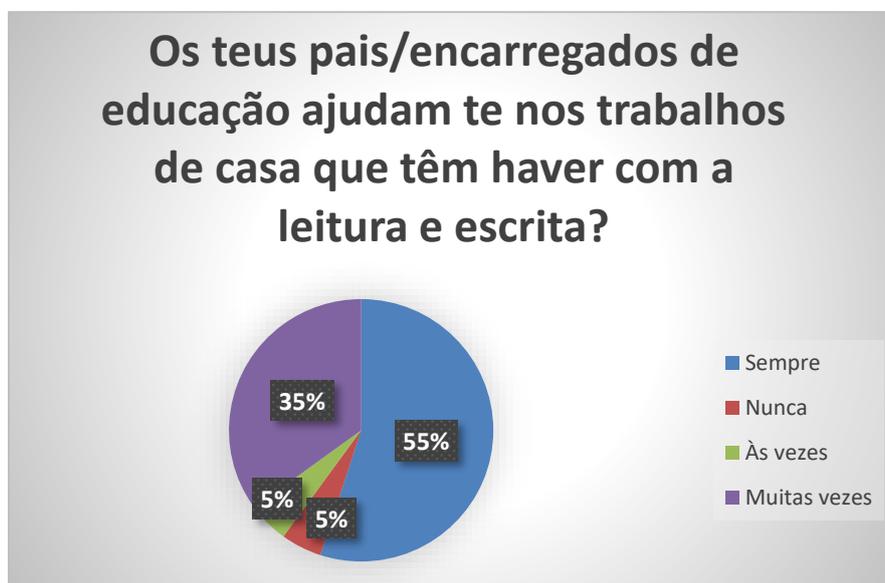


Figura 5: Ajuda dos pais/encarregados de educação aos alunos

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa

Com a questão 6 pretendíamos aferir a língua que os alunos mais usam no seu dia-a-dia quando estão fora da escola. Conforme as respostas dadas, 90% dos alunos responderam que falam a língua Xichangana, enquanto 10% dos alunos afirmaram que usam a língua portuguesa na maior parte do dia para interagir. Com as respostas dos alunos podemos verificar que os mesmos podem enfrentar limitações na comunicação com os professores e os demais intervenientes no processo de ensino e aprendizagem (Vide gráfico 6).

Segundo Lopes (2001), o uso da língua portuguesa como língua de ensino limita seriamente a comunicação entre professores, e outros membros da comunidade. Para crianças e jovens implica uma maior dificuldade de compreensão do processo de ensino e aprendizagem. Eles não podem compreender nem interagir verbalmente com os professores que não falam a sua língua, e estes não podem dar conselhos que são especialmente valorizados pelos pais das crianças.

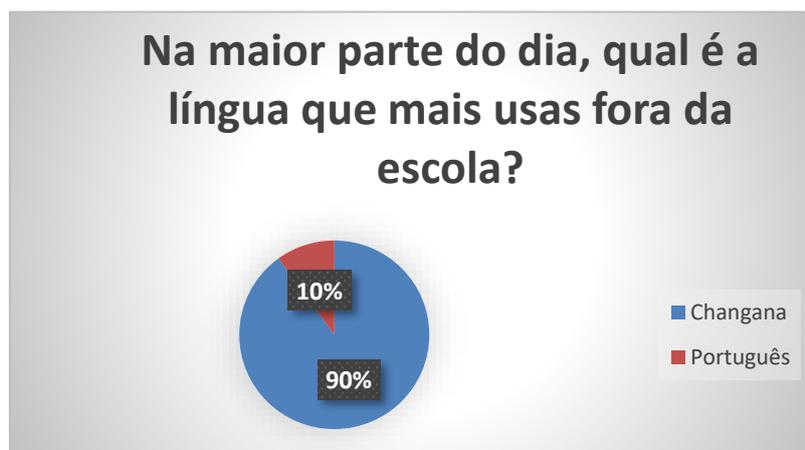


Figura 6: Língua mais usada fora da escola pelos alunos

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa

CAPÍTULO V

CONCLUSÃO

Feita a pesquisa em volta do tema dificuldades de leitura e escrita dos alunos da 6ª classe no ensino primário na Escola Primária Completa de Mahau, que tinha como problema estudar as causas das dificuldades no ensino da leitura e escrita da Língua Portuguesa naquela instituição de ensino, foi possível tirar conclusões importantes. De acordo com os dados recolhidos no campo de pesquisa, verificamos que os alunos da 6ª classe possuem de alguma forma a motivação intrínseca para aprender a ler e escrever, contudo enfrentam barreiras do nível cognitivo que se manifestam através do problema da fraca percepção e falta de atenção.

No que diz respeito às estratégias metodológicas usadas pelos professores da 6ª classe, no ensino da leitura e escrita, concluímos que os professores usam diferentes métodos com predominância dos métodos sintético e o analítico sintético. Em concordância com este aspecto, a pesquisa concluiu que não existe uma única estratégia específica para o ensino da leitura e escrita, pois todas as estratégias são aplicáveis, quer usadas de forma isolada ou quando combinadas.

Testada a hipótese sobre o fraco domínio das estratégias metodológicas por parte dos professores da 6ª classe, assim como a sua eficácia, concluímos que os professores da Escola Primária Completa de Mahau possuem domínio no uso dos métodos que usam na sala de aulas, contudo há uma fraca preparação das aulas por parte destes. Quanto à eficácia dos métodos, nota-se que os professores consideram-nas eficazes, não obstante acreditarem ser necessário a sua adaptação a realidade dos alunos.

Quanto a participação e incentivo dos pais ou encarregados de educação dados aos alunos nas actividades de leitura e escrita, notamos que a maioria dos pais/encarregados de educação dão apoio aos seus educandos na medida do possível, visto que a maioria destes não possuem escolaridade avançada e alguns são mesmo analfabetos.

Sobre o uso excessivo da língua materna por parte dos alunos na escola e fora dela ser um dos factores que dificultam o domínio da leitura e escrita, verificamos que a maioria dos alunos usam a língua materna (Xitchangana) na maior parte do dia, quer dentro ou fora da escola. Este aspecto poderá estar a influenciar negativamente no processo de captação, interiorização e assimilação dos conteúdos que são mediados pelo professor na língua portuguesa.

Outro aspecto que se destacou na pesquisa, foi o deficitário acompanhamento dados pelos encarregados de educação aos alunos. A pesquisa concluiu que a maioria dos pais/encarregados de educação não fazem o devido acompanhamento, deixando a responsabilidade quase total com os professores.

SUGESTÕES

Feita a apresentação, análise e interpretação dos dados recolhidos durante a pesquisa, propomos as seguintes sugestões:

Ao Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano/Direcção Provincial de Educação

- Retornar à formação especializada dos professores, nos Institutos de Formação.

À Direcção da Escola

- Mobilizar os encarregados de educação a participarem activamente nos estudos dos seus educandos, através do acompanhamento contínuo e sistemático;
- Monitorar a prática educativa dos professores, apoiando-os pedagogicamente de modo a ultrapassarem as dificuldades relativas ao treinamento da leitura e escrita.

Aos professores:

- Continuar a diversificarem os métodos de ensino da leitura e escrita de modo a serem inclusivos e abrangentes a todos alunos;
- Usarem técnicas e métodos participativos e cooperativos que colocam os alunos no centro da aprendizagem;
- Empreenderem no conhecimento das características individuais dos alunos de modo a direcionarem a atenção nas aprendizagens certas e necessárias.

Aos pais/encarregados de educação:

- Darem o devido apoio e acompanhamento aos seus educandos;
- Incentivarem os seus educandos a praticarem a oralidade, leitura e escrita da língua portuguesa.

Referência Bibliográfica

Amaro, A. R. (2010). *Dos textos de recepção infantil ao desenvolvimento das competências no 1º ciclo do ensino básico*. (Dissertação de Mestrado do 2º ciclo em Estudos Didáticos, Culturais, Linguísticos e Literários) Covilhã: universidade da Beira Interior.

Bagdan, R. & Taylor, S. J. (1975). *Investigação qualitativa em acção*. Porto: Porto Editora.

Barbeiro, J. F. (1990). *Os alunos e a expressão escrita: consciência metalinguística e expressão*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Cagliari, L. C. (1999). *Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu*. São Paulo: Scipione.

Carvalho, F. C. (2003). *Percurso da investigação*. Braga, Universidade do Minho, DME.

Chakur, C. R. S & Rvagnani, M. C. R. (2001). *Inteligência e fracasso escolar: Problema prático para educação, questão teórica para Psicologia*.

Coelho, M. T. (2009). *Problemas de Aprendizagem*. São Paulo: Editora Ática S.A.

Costa, H. M. (2015). *Relação Família-Escola: um olhar de Ecologia Humana entre o Ensino Público e o Privado*. Santos Tirso: Facto Editores.

Dias, M. (2013). *O papel da consciência fonológica nas Dificuldades Específicas de Leitura e Escrita (DELE): na perspectiva dos docentes do 1.º CEB*. Lisboa (Tese de Mestrado e Ciências da Educação na Especialidade em Domínio Cognitivo Motor) Escola Superior João de Deus.

Flower, L. e Hayes, J. (1981). *A Cognitive Process. "Theory of Writing"*. In: *College Composition and Communication*.

Fontana, R. (1997). *Psicologia e Trabalho Pedagógico*. São Paulo: Actual Editora.

Gaitas, S. M. (2013). *O ensino da leitura e da escrita no 1.º ano de escolaridade— Os resultados dos alunos em leitura*. (Tese de Doutoramento em Psicologia Educacional). Lisboa: ISPA.

Galliano,, A. G. (1979). *O método científico: Teoria e Prática*, São Paulo: Habra.

Garcia, A. (1998). *Dificuldades de Aprendizagem de A–Z: Guia completa para educadores e pais*. Porto Alegre: Penso.

Geraldí, J. W. (2004). *O texto na sala de aula*. 3ª edição. São Paulo: Ática.

- Gil, A. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ª edição. São Paulo: Artes Médicas.
- Gonçalves, G. (1967). *Didática da Língua Nacional*. Porto: Porto Editora.
- Grabe, W. e Kaplan, R. B. (1996). *Theory and Practice of Writing*. Londres, Longman.
- Illeris, K. (2013). *Uma compreensão abrangente sobre aprendizagem. In: teorias contemporâneas de aprendizagem*. Porto Alegre. Artmed Editora.
- Kato, L. (1990). *O que é ler? Leitura: teoria e prática*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Kato, L. (1985). *A arte de ler*. São Paulo: Editora da Universidade Paulista.
- Kleiman, A. R. (1999). *Práticas pedagógicas que estimulam a leitura*. Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado, Paraná.
- Kleiman, A. R. (1985). *Aprender a ler a escrever*. Porto Alegre, Artemed.
- Kleiman A. R. (1992). *Textos e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: São Paulo. Atlas Editora.
- Leffa, M. L. (1996). *Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa*. Curitiba, ibpesc.
- Lakatos, M. & Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5ª edição). São Paulo: Editora Atla.
- Lopes, M. (2001). *Os estudantes e a leitura*. Lisboa : Gabinetes de Estatísticas e Planeamento de Educação.
- Mainardes, E. (2008). *Desafios da qualidade de Educação: Possíveis Soluções*.
- Marcelino, C. I. (2010). *Métodos de iniciação a leitura— concepções e práticas de professores*. (Tese de Mestrado). Minho : Universidade o Minho.
- Marturaro, E. M. (1998). *Recursos do ambiente familiar e desempenho na escola*. Ribeirão Preto.
- Martins, M. H. (1984). *O que é leitura?* São Paulo: Brasiliense.
- Mesquita, E. (2013). *O ensino da escrita: diferentes contextos, diferentes métodos?* SILEL.
- Mialaret, G. A. (1997). *Aprendizagem da leitura*. Lisboa: Editorial Estampa.

- MINED (2015). *Desafios da qualidade da Educação: possíveis Soluções*, Maputo. MINED
- Pereira, S. (2016). *Promoção da escrita no 1.º ciclo do ensino básico: Desafios e estratégias*. (Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário, Ciências Psicológicas, Sociais e da vida). Lisboa.
- Rafael, G. (2009). *A aprendizagem da leitura*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Reboul, O. (1999). *O que é aprender?* Coimbra, Almeida.
- Sá, C. M. (2004). *Leitura e Compreensão Escrita no 1.º ciclo do Ensino Básico: algumas sugestões*. Aveiro : Universidade de Aveiro.
- Sampaio, S. (2010). *Dificuldades de aprendizagem: A psicologia na relação sujeito*.
- Santana, A. (2007). *Como a criança aprende a ler*. Lisboa: Editora Aster.
- Schliemann, A. D. (1995). *Na vida dez, na escola zero*. São Paulo: Cortez.
- Silva, D. M. (2003). *O impacto dos estilos de aprendizagem no ensino*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo. São Paulo: Martins Fontes.
- Simões, T. (2012). *A escrita no 1º ciclo do ensino básico. Motivar para escrever*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico do Viseu. Escola Superior de Educação do Viseu.
- Silva, A. C. (2004). *Até a descoberta do princípio alfabético*. Lisboa: fundação Calouste Gulbenkian.
- Sim-Sim, I. & Ferraz, M. J. (1997). *A Língua materna na educação básica. Competências nucleares e níveis de desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação- Departamento de Educação Básica.
- Shamazaki, E. M. (2007). *Letramento e Educação*. Projecto de Pesquisa.
- Smith, F. (1990). *Para dar-lhe sentido a la lectura*. Madrid: Visor.
- Soares, A. (1998). *Relações entre consciência fonológica, escrita e leitura em testes do programa alfabetizando Brasil*: Belo Horizonte, Faculdade de Educação.
- Solé, I. (1998). *Estratégias de leitura*. Trad. Claudia Schilling. 6ª ed. Porto Alegre: ARTEMED.

Viana, F. L. (2002). *Analisar a Língua para Aprender a Ler. A Consciência (Meta) linguística e a Aprendizagem da leitura*. Revista Portuguesa de Investigação Educacional.

Visvinathan, C. (2010). *Métodos de ensino – Quais são e como funcionam?* Belo Horizonte. Brazil.

Weiss, M. L. L. (1997). *Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro: DP & A.

Weisz, T. (2006). *O diagnóstico entre o ensino e a aprendizagem*. 2ª Ed. São Paulo: Ática.

Apêndices

Entrevista para Professores

Caro professor (a),

Este guião tem por finalidade colher dados para a elaboração do trabalho de conclusão do curso para obtenção do grau de licenciatura, cujo tema é: *Dificuldades de leitura e escrita dos alunos da 6ª classe, do ensino primário: Estudo de caso da Escola Primária Completa de Mahau (2020 a 2021)*.

Os dados a recolher são exclusivamente académicos e não serão empregues para outros fins. Assim, toda a informação que prestar será tratada confidencialmente, por isso, sinta-se a vontade ao responder.

I PARTE

Dados Pessoais

Sexo: Masculino___

Feminino___

1.1. Experiência Profissional

- a. 1 a 5 anos ___
- b. 6 a 10 anos ___
- c. 15 + anos ___

1.2. Formação Profissional

- a. Nível Básico ___
- b. Nível médio ___
- c. Bacharelato ___
- d. Licenciatura ___

1.3. Tempo de Serviço

- a. Até 5 anos ___
- b. De 5 a 10 anos ___
- c. De 10 a 15 anos ___
- d. De 15 a 20 anos ___
- e. + de 20 anos ___

II PARTE

1. Qual é a sua especialidade de formação profissional?
2. Que actividades de ensino da leitura e escrita desenvolve na sala de aulas?
3. Como desenvolve as actividades de ensino da leitura e escrita?
4. Qual é o ponto de situação no domínio da leitura e da escrita dos seus alunos?
5. Existe por parte dos seus alunos alguma motivação para leitura e escrita?
6. Quais são os métodos que tens usado no ensino da leitura e escrita
7. Sente que possui domínio no uso dos métodos de ensino da leitura e escrita?
8. Acredita na eficácia dos métodos de ensino da leitura e escrita da Língua Portuguesa propostos nos programa de ensino?
9. Qual é a percepção que tem do acompanhamento dado aos alunos pelos encarregados de educação?
10. Na sua opinião, quais são as causas das dificuldades de leitura e da escrita dos alunos?

Obrigado pela colaboração!

Questionário para alunos

I PARTE

Dados pessoais

Sexo: a. Masculino () b. Feminino ()

Qual é a sua idade?

a. 11 – 12 anos ____

b. 13 – 14 anos ____

II PARTE

Responde colocando uma cruz (x) a resposta que te parece mais certa, selecciona apenas uma das respostas, excluindo as perguntas em que te é pedido o contrário.

1. Gostas de ler e escrever? Sim Não

2. Lês e escreves muito bem? Sim Não Com dificuldades

3. Qual é a disciplina de que tu mais gostas?

4. Quais são as actividades de que tu mais gostas na aula de Português?

5. Os teus pais ou encarregados de educação ajudam-te nos trabalhos de casa que tem a ver com a leitura e escrita?

Sempre Nunca As vezes Muitas vezes

6. Na maior parte do dia qual é a língua que mais usas fora de casa?

Xitchangana Português

Anexos



UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CREDENCIAL

Credencia-se José Boaventura Cam¹, estudante do curso
de Licenciatura em Organização e Gestão da Educação²,
a contactar a Escola Primária Completa de Mahau³
a fim de realizar o trabalho de campo / Pesquisa⁴.

Maputo, 23 de Junho de 2023⁵

A Directora Adjunta para Graduação

Nilza A. T. César

Mestre Nilza Aurora Tarcísio César

(Assistente)



- ¹ (Nome do Estudante)
² (Curso que frequenta)
³ (Instituição de recolha de dados)
⁴ (Finalidade da visita)
⁵ (Data, Mês, Ano)





REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE

PROVÍNCIA DE MAPUTO
GOVERNO DO DISTRITO DE

SERVIÇO DISTRITAL DE EDUCACAO JUVENTUDE E TECNOLOGIA

ESCOLA PRIMARIA COMPLETA DE MAHAU

Assunto: Comunicado

A Direcção da escola supracitada vem através deste meio informar a Faculdade de educação da Universidade Eduardo Mondlane, que o Senhor José Boaventura Cau, apresentou-se nesta instituição nos dias 12 e 13 de junho do ano de 2023 para fazer o trabalho de pesquisa consistindo na colecta de dados para o seu trabalho final de conclusão do Curso de licenciatura em Organização e Gestão da Educação.

Por ser verdade passamos o presente comunicado que vai assinado e carimbado com carimbo a tinta de óleo em uso nesta instituição.

Mahau, aos 14 de Junho de 2023

O Director da Escola


Pedro Dinis Manala

Pedro Dinis Manala